A VIDA É BREVE CHAMA QUE ILUMINA O CAMINHO ANTES DA NOITE CALMA

AVESSO DA VERSÃO



A ARQUITETURA DO PARADOXO HUMANO

CARLOS OCIRAN SILVA NASCIMENTO

Carlos Ociran Silva Nascimento
Autor

AVERSO DA VERSÃO

A ARQUITETURA DO PARADOXO HUMANO

EDITORA UEMASUL
2026

Todos os direitos reservados à Editora UEMASUL. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, desta publicação.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Projeto Gráfico: Editora UEMASUL
Catalogação na publicação Seção de Catalogação e Classificação.

N244a Nascimento, Carlos Ociran Silva

Avesso da versão: a arquitetura do paradoxo humano. / Carlos Ociran Silva Nascimento. – Imperatriz: EDUEMASUL, 2026.

78 p.

ISBN: 978-65-89274-64-3

1. Poesia. 2. Alma humana. 3. Paradoxos - complexidade. 4. Arquitetura do paradoxo humano I. Título. II. Imperatriz, MA.

CDU 82-1

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

Reitora

Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Vice-reitor

Prof. Dr. Jorge Diniz de Oliveira

Pró-reitora de Gestão e Sustentabilidade Acadêmica

Profa. Dra. Márcia Suany Dias Cavalcante

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Prof. Dr. Allison Bezerra Oliveira

Pró-reitor de Planejamento e Administração

Prof. Dr. José Sérgio de Jesus Salles

Pró-reitor de Extensão e Assistência Estudantil

Prof. Dr. José Milton Lopes Pinheiro

Pró-reitor de Gestão de Pessoas

Prof. Dr. Bruno Lucio Meneses Nascimento

Pró-reitor de Infraestrutura

Prof. Dr. Wilson Araújo da Silva

Organizador
Prof. Dr. Carlos Ociran Silva Nascimento

Conselho Editorial
Profa. Dra. Camila Brito Collares da Silva
Profa. Dra. Andrea Ferraz Silva Pereira
Prof. Dr. Bruno Maia Halley
Prof. Dr. Caleb da Silva Araujo Campelo
Profa. Dra. Carla Melli Tambarussi
Prof. Dr. Diego Carvalho Viana
Profa. Dra. Gilvânia Queiroz Madeira de Aguiar
Profa. Dra. Josiéli Demetrio Siqueira
Profa. Dra. Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira
Profa. Dra. Luciana Oliveira dos Santos
Profa. Dra. Luciene Santana Ferreira

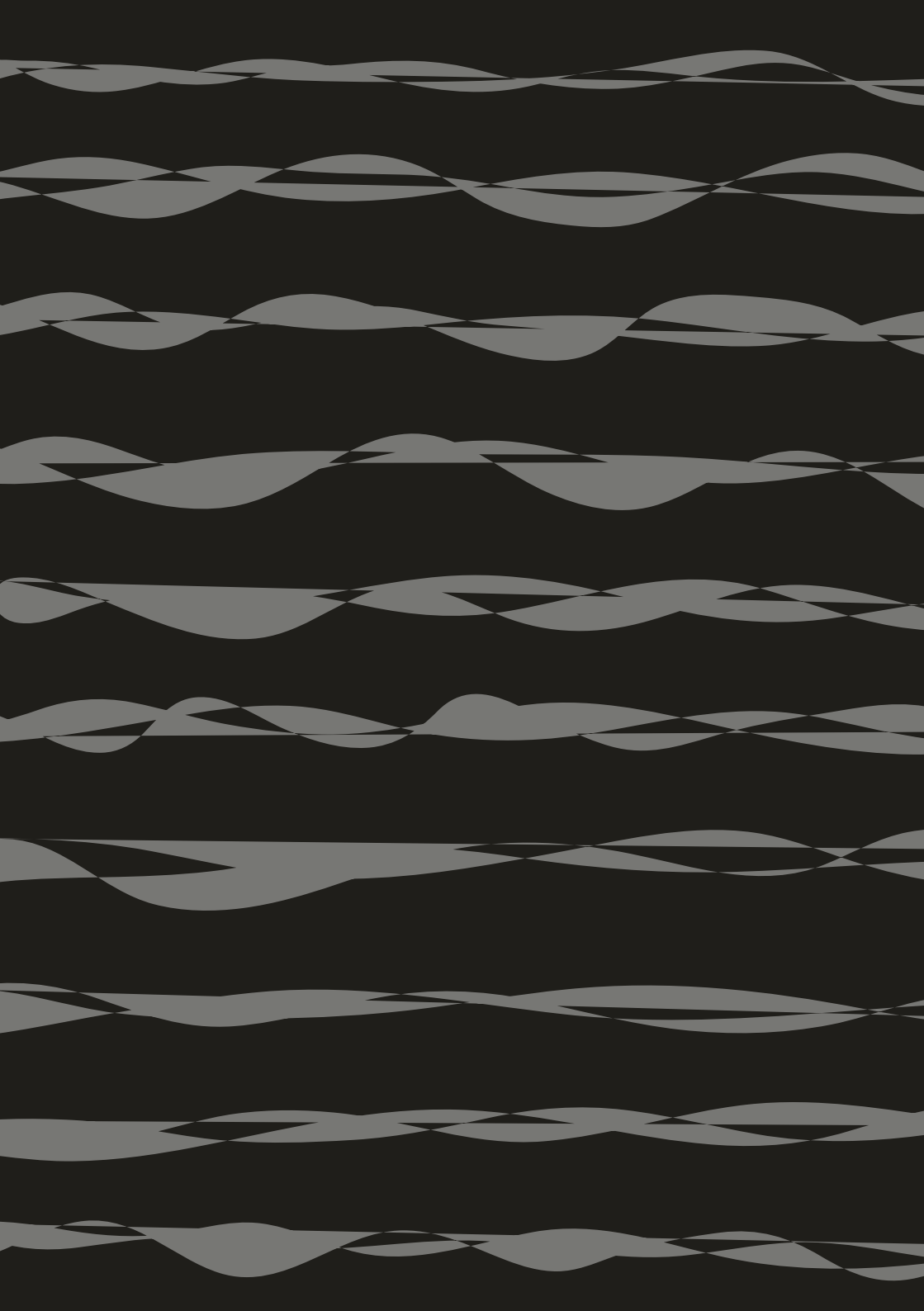
Coordenação da Editora
Profa. Dra. Camila Brito Collares da Silva

Diagramação
Jeciane da Silva Chaves

Capa
Eduardo da Conceição Jorge

Arte da capa
Prof. Dr. Carlos Ociran Silva Nascimento

Revisão
José de Sousa Breves Filho

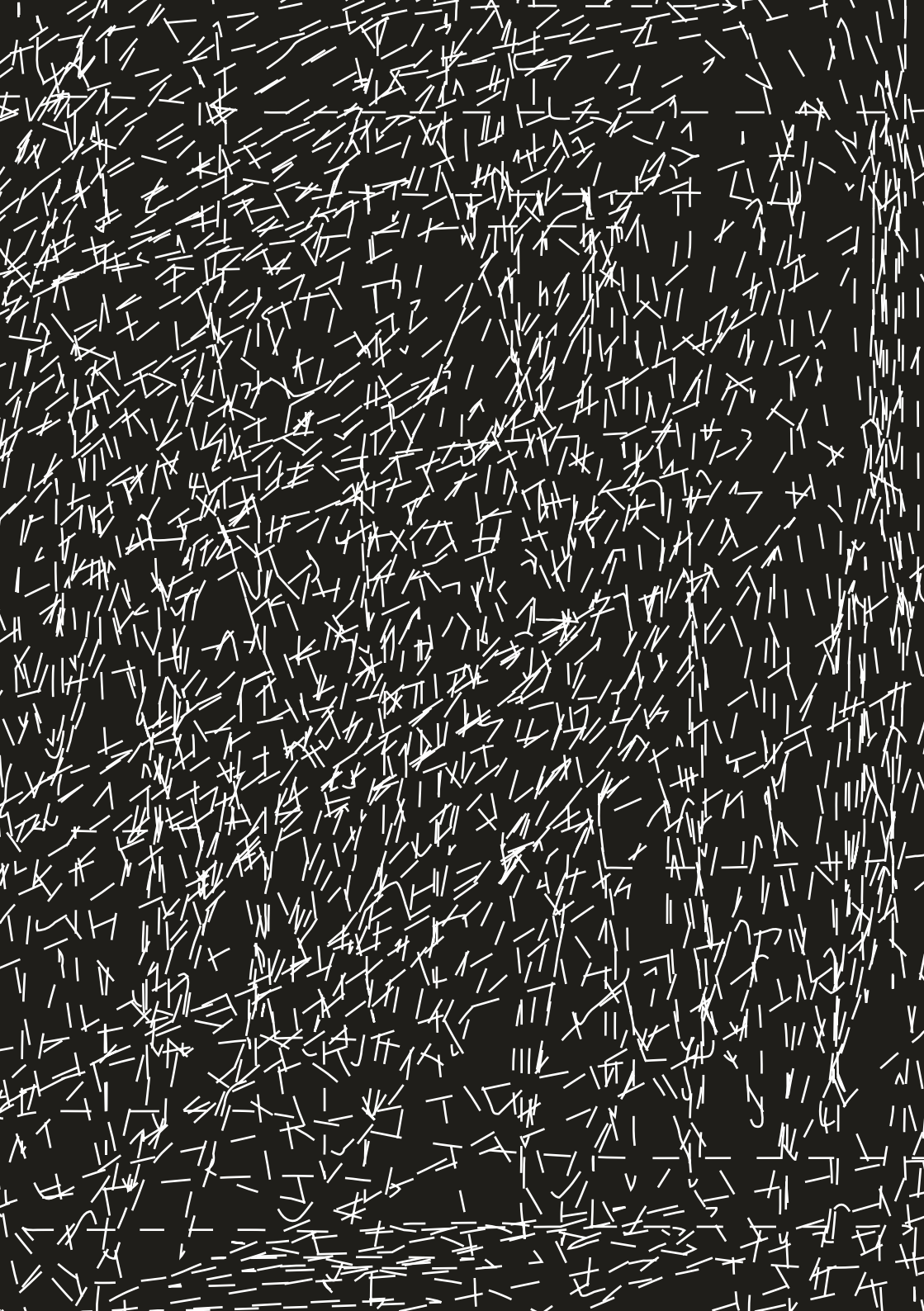


DEDICATÓRIA

A todos os que, entre luz e sombra, continuam buscando sentido. Aos que confiam que a poesia é oração, silêncio e revelação. Este livro é oferecido como um sopro de fé — um gesto humilde diante do mistério que nos atravessa.

AGRADECIMENTOS

A meu pai Elias Ribeiro, memória que me guia, e à minha mãe Ana Miguel, raiz que sustenta.
À minha esposa Ana Luci, companheira de travessia, e aos filhos Márcio Roberto, Carla Luciana, Carla Elisiana e Caroline Costa, luzes que iluminam o caminho.
Aos colegas e alunos do IFMA – Imperatriz e da UEMASUL, meu reconhecimento: com vocês aprendi que ensinar é também semear poesia.
Este livro é fruto de todos — da presença, da ausência, do afeto e da esperança que me atravessam e se tornam palavras.





Sou feito de paradoxos:
grito em silêncio, sorrio em pranto.

PREFÁCIO

Este livro, intitulado **O Avesso da Versão**, não se apresenta como uma simples coletânea de versos, mas como um mapeamento visceral daquilo que o autor denomina **"a arquitetura do paradoxo humano"**. O que o leitor encontrará nestas páginas é o exercício constante de um poeta que se reconhece como uma **"pedra bruta"**, alguém que aceita o desgaste sob o sol da existência para, através do ofício da escrita, revelar o **diamante** que habita no âmago da dor.

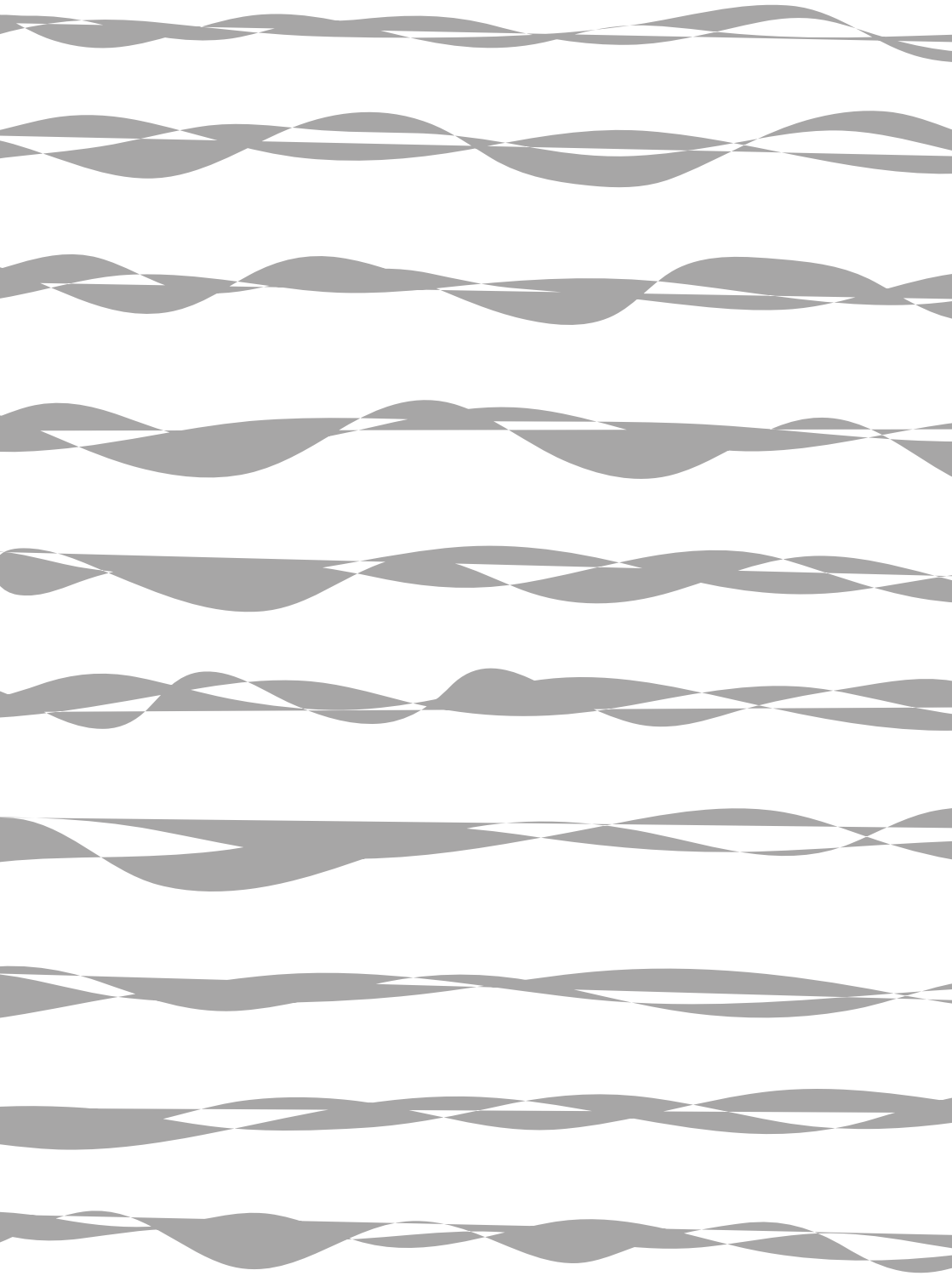
A obra propõe um mergulho profundo nas contradições que nos definem. A voz lírica assume abertamente ser **feita de paradoxos**: é o **"mar que se reduz a rio"** e a **"lágrima errante"** que busca sentido nos descaminhos do rosto. O autor não foge das sombras, mas convive pacificamente com seus **"adoráveis demônios"**, transmutando feridas que não cicatrizam e silêncios acumulados em matéria poética. É nesse espaço, na **"dimensão secreta"** do papel, que a escrita atua como um resgate, permitindo que o ser ouse existir com honestidade além das margens do cotidiano.

O Avesso da Versão é, acima de tudo, um ato de desmascaramento. O título ecoa a denúncia contra a **estupidez humana** que, em sua cegueira convicta, apresenta a **"inversão como versão"**. O poeta coloca-se como observador da **"verdade envergonhada"**, aquela que se esconde humilhada diante da mentira fria e tranquila que domina os púlpitos e as mesas de poder. Há nestes poemas um grito necessário contra os **"capatazes modernos"** e contra a servidão daqueles que, por opção ou alienação, aprendem a venerar o próprio chicote.

Contudo, o livro não se esgota no embate social. Ele percorre o **pulso do desejo**, onde o amor é sentido como um instinto animal e uma leitura visceral do corpo que dispensa ornatos. Ao final da jornada, a obra nos conduz à aceitação da nossa natureza efêmera. Com a serenidade de quem compreende que a vida é uma **"breve chama"** que ilumina o caminho, o autor nos recorda que o fim é apenas o **"silêncio das origens"**, o

regresso inevitável ao pó de onde viemos.

Visualmente, esta jornada é sintetizada pela imagem que estampa sua capa: um **feixe de luz** que rasga a escuridão, representando a poesia como a guia através da **"surdez infinita"** do mundo. Prepare-se para encontrar uma poesia que não busca a perfeição, mas a coragem de olhar o que está por trás das aparências. Pois, como estas páginas ensinam, a vida realmente pulsa é no **avesso**.



APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de um esforço consciente de "tijolar pensamentos" para evitar o desmoronamento interno diante da complexidade da vida. O objetivo não é fornecer respostas prontas, mas sim conviver com as perguntas que habitam o silêncio. A sanidade não está em ter certezas, mas em conviver com as perguntas. A estrutura divide-se em cinco eixos temáticos que mapeiam a arquitetura do paradoxo humano, guiando o leitor desde o ofício da escrita até a aceitação da finitude.

Carla Luciana Nascimento de Sene

SUMÁRIO

17
O OFÍCIO DA PEDRA

Anel de Brilhante
Arte
Adimensional
Adoráveis Demônios
Despretensioso
Errante
Criação
Origem
Fé, poema e café
Essência

29
LABIRINTOS DA ALMA

Âncora na Terra
Crise de Pânico
Alma Gorda
As Perguntas que Moram no Silêncio
Autoabandono
Dor Silente
Baobá
Estrela cadente

41
O ESPELHO DO MUNDO

A Vez da Estupidez
Abraço Fraterno
Capataz Moderno
Escravo por Opção
Cabeça Erguida
Degradação
Os mortos são nossos
Farsa
Esmola

53
O PULSO DO DESEJO

Antes que Morras
Cópula
Como os Animais
Amor de Filha
Depois da Raiva
Desgaste
Geometria do beijo
Fantasma
Famulus
Eu te amo
Estranha tabuada
Filho pródigo

69
O SILÊNCIO DAS ORIGENS

Ao Pó Voltaremos
Dia dos Pais no Além
Começo do Fim
Deus e Eu
Consciência do Tempo
Epílogo
Istmo de tempo
O evengelho do alforge vazio

CAP. 1

O OFÍCIO DA PEDRA

"O POETA SE VÊ COMO PEDRA.
SEM SABER-SE DIAMANTE."

ANEL DE BRILHANTE

A poesia que nasceu
E mora em mim não me pertence.
Não pense que todo poeta seja um fim em si.
— Ninguém é!
É como uma voz qualquer,
É mais uma voz que grita
Para a surdez infinita
De todo aquele que quer ser.
Consumindo-se ou se doando,
Entre o ser social e o humano,
O poeta é ainda uma pedra bruta.
Quanto mais se desgasta,
Mais brilha sob o sol,
Até pousar no dedo de alguém
Como luxo, como triunfo.
O poeta se vê como pedra,
Sem saber-se diamante.

ARTE

A poesia é visão secreta,
é desenhar o invisível na letra.

É ver a noite dentro do dia,
é enxergar o mundo
quando a luz se apaga.

Arte é o olhar que insiste
em revelar o que não se mostra,
em dar forma ao que é silêncio.

ADMENSIONAL

Sou feito de paradoxos:
grito em silêncio,
sorrio em pranto,
sou mar que se reduz a rio,
sou lágrima errante
nos descaminhos do rosto.

Minha voz se perde,
minhas frases se calam,
mas a escrita me resgata.

No papel encontro
o espaço sem medida,
a dimensão secreta
onde ouso pensar,
onde ouso existir.

ADORÁVEIS DEMÔNIOS

Minha voz poderia cantar,
mas a vida exige mais
que melodia.

Escrevo com sangue,
com calos na alma,
transformo dores em versos,
gritos em silêncio.

As folhas brancas
acolhem o que não deságua,
as feridas que não cicatrizam,
os demônios que me assombram.

E no convívio pacífico
com essas sombras,
descubro que até os demônios
podem ser adoráveis,
quando se tornam poesia.

DESPRETENSIOSO

Este poema não tem tema.
Não aponta direção,
não resolve solidões,
não explica problema algum.
Talvez seja apenas
um gesto insano,
sem razão suficiente.
Mas o poeta, às vezes,
precisa tijolar pensamentos
para impedir
o desabamento interno.
Escreve sem saber
se aquilo possui valor,
ou se apenas consegue
nomear algum sentimento.
Quase tudo nasce assim:
despretensioso.
Remexendo o passado,
o instante,
o ressentimento.
E, ocasionalmente,
algo reluz.
Mas não se engane:
a maior parte da poesia
é excremento emocional
tentando parecer eternidade.
Ainda assim, nasce.
Como tudo o mais,
na hora exata
do seu tempo.

ERRANTE

Escuto vozes.
Não apenas
no silêncio da noite.
Escuto-as também
no burburinho das cidades.
Converso com essas presenças ocultas
e às vezes rimos juntos
da tola materialidade do mundo.
Quando me virem sozinho,
não pensem abandono.
Estou apenas conversando
com quem ainda me escuta.
Falamos de quase tudo.
Menos da morte.
Há vozes mais atrevidas
que insistem em falar
de fornicação.
Às vezes me afasto,
corando diante dos olhares curiosos
de quem acredita
que enlouqueci.
Deixo que pensem.
Não devo interferir
na ignorância alheia.
Noutra noite,
Charles Baudelaire convidou-me para vinho.
Pablo Neruda quis arrastar-me
por um passeio noturno.
Recusei ambos.
Tinha encontro marcado
com Florbela Espanca,
que falou longamente
sobre desventura
até me deixar soturno.

CRIAÇÃO

Deem-me um cordão
e um pouco de cola.
Aqui, na escola ou no mundo,
faço nascer uma esfera.
Parece simples.
Mas toda criação
também parece.
Um fio esticado
representa a reta.
Enrolado sobre si mesmo,
inventa o volume,
o espaço,
a forma.
Não é pequena
a magia da criação:
como pode
uma dimensão linear
sonhar a terceira dimensão?
E talvez, regressando ao princípio,
descubramos que também nós
viemos do nada —
como o cordão
e a cola.

ORIGEM

Vindo da roça e na raça,
Sem mentira e sem trapaça,
Conquistei na marra, no braço
Tudo que cabe em abraço.

Tudo a mais, não é pouco,
Consegui com pensamento
Devoção e sentimento
O que me deixou meio louco.

Uma loucura sem devaneios,
Comendo pelas bordas
Até saciar-me, chegar ao meio

Evitando tiros, facas e cordas
Fui, por fim, atingido em cheio
Pela poesia que em mim transborda.

FÉ, POEMA E CAFÉ.

Oração da manhã de cada dia
É feita juntando as mãos
Em comunhão com a poesia.

Pensamentos ganham céu, o mundo
Com as asas celestiais das palavras
Para habitar nas mentes o fundo

Não saem somente da cabeça essa lavra
Às vezes estou vivo, noutras, moribundo
Saem também do espírito, janela sem trava

E por elas voam singrando o espaço
Como aroma de café, amor e fúria
Em algum corpo ermo - vazio terraço.

ESSÊNCIA

Não é poesia... E tampouco literatura
É sentimento injetado na alma
Antes da terra fria da sepultura.

É a dor diluída no limiar da vida
Que vai soprando, amenizando
A ardência de viver todo dia

Com eloquência ou agonizando,
Mas sem perder a essência
Na tortura que expõe a covardia.

É preciso dizer que ama na cama
E calar quando a chama do amor
Recebe a dosagem diária de água fria.



CAP. 2

LABIRINTO DA ALMA

"SOU FEITO DE PARADOXOS: GRITO EM SILÊNCIO. SORRIO EM PRANTO."

ÂNCORA NA TERRA

A depressão não é sombra passageira,
é morada invisível,
céu enterrado no fundo do poço.

É tormento que cresce
quando o mundo dorme
e o doente permanece desperto.

É carregar a cruz
do julgamento alheio,
ser chamado de fraco,
de fingidor,
quando na verdade
se morre em silêncio.

É correr contra o tempo
com uma âncora invisível,
arrastando o corpo,
afundando a alma.

É sorrir para o mundo
enquanto se chora sozinho,
é desejar o fim
como alívio da ansiedade.

CRISE DE PÂNICO

Minha mente atormentada
é um estranho presente divino.
Sem compreender quase nada,
continuo abrindo caminho.
Invento poesia —
coisa inútil
para um mundo
feito apenas de bocas e intestinos.
Quando a mente se desorganiza,
elaboro pensamentos
como quem afia facas no escuro.
Outras vezes
deságuo no vazio.
E é justamente nesse nada
que o desespero nasce,
ao destampar lentamente
a panela das mágoas.
Então sorvo, em goles secos,
o pânico,
o medo,
o pavor,
engolindo o próprio veneno
enquanto espero, em silêncio,
alguma cura.

ALMA GORDA

Minha alma se expande,
não de virtude,
mas de excesso.

Empanturrada de angústia,
de paixões que não cessam,
embriagada em lágrimas
que não secam.

Ela prefere o lamento
à canção,
à escuridão
à claridade.

E eu, cansado,
penso em vendê-la,
como quem se desfaz
de um fardo antigo.

Talvez assim encontre
a leveza perdida,
a liberdade
que nunca tive.

AS PERGUNTAS QUE MORAM NO SILÊNCIO

Enquanto os meninos corriam atrás da bola,
ele corria atrás de enigmas.
O jogo era simples,
mas sua mente buscava complexidades invisíveis.

Se há mais água que terra,
por que os mares não se derramam?
Se a terra é redonda,
como os rios encontram o mar?
E por que só a chuva cai do céu,
se o céu inteiro poderia desabar?

Diziam que o inferno era quente.
Mas não poderia haver um inferno na Sibéria?
Entre o quente e o frio existe o morno,
entre o bem e o mal, o que existe?
Talvez apenas o medo,
disfarçado de culpa.

Que cores têm os sentimentos?
A saudade seria azul,
o amor vermelho,
a compaixão dourada.
Mas como, diante da beleza das flores,
alguns escolhem o cinza da intolerância?

As perguntas não encontravam eco nos adultos.
Mas no silêncio havia respostas.
Não respostas prontas,
mas sementes.
Cada dúvida era raiz,
crescendo em direção ao invisível.

E assim compreendeu:
não era louco,
não era estranho.
Era apenas alguém que ousava ver além das margens.

A sanidade não está em ter certezas,
mas em conviver com as perguntas.

AUTOABANDONO

Não, ainda não morri — sigo presente,
guardando em mim um riso descontente.
Não me esqueci da chama que me guia,
mas raramente aflora em mim a alegria.

Crise por crer que existo? Não faz jus,
pois lógica não cabe à dor que seduz.
É duro estar no mundo sem perdão,
intumescido, afogar-me em emoção.

Há tantas lágrimas dentro de mim,
sou um vasto mar sem horizonte;
escorrem sem cessar, não têm fim.

E se há mais acerto que desengano,
não é tão bom, mas não é insano
perder-se nesse vago e solitário abandono.

DOR SILENTE

Se não houver sangue,
ninguém perceberá a ferida.
Se não houver grito,
ninguém ouvirá a dor.
Se a lágrima não escorrer,
quase ninguém
se compadecerá.
É preciso expor a fratura
para tornar visível
o sofrimento.
Mostrar a cabeça dilacerada
para que compreendam
o pensamento.
Mas quando tudo dói
apenas por dentro,
e por fora
a vida continua aparentemente bela,
o homem parecerá saudável
mesmo sendo
um corpo vazio
que silenciosamente
implora por socorro.

BAOBÁ

Há árvores que não dão frutos,
outras se armam de espinhos.
Algumas crescem imensas,
impondo respeito pela sombra.

Há as rasteiras, gramíneas,
chamadas de praga por muitos.
As que se despem no outono
são ameaçadas de corte,
quando, na verdade,
adubam o chão e protegem raízes.

Assim também são as pessoas:
as que dão frutos são exploradas,
forçadas a produzir sem descanso,
e quando nada mais oferecem,
são descartadas, substituídas.

As cheias de espinhos florescem belas,
mas guardam distância, intocáveis.
As gigantes são derrubadas sem piedade,
transformadas em casas, em abrigo.

As amaldiçoadas sustentam encostas,
como os desprezados da vida:
nascem para ajudar, mesmo ignorados.

As desfolhadas são esquecidas pelo tempo:
ninguém recorda da sombra que um dia ofereciam ao descanso.

E você, com qual árvore se parece?
Com a que dá frutos e é explorada?
Com a que sustenta telhados?
Com a que alimenta e depois é descartada?

— Eu sou todas elas.
Sou as não plantadas,
as que adornam florestas,
as que compõem paisagens.
Sou verdes, secas, multicores, retorcidas.
Sou abrigo de pássaros,
sou festa na copa.
Sou cacto, sou baobá.
Sou inteiro uma floresta.

ESTRELA CADENTE

Brilha o sol lá fora.
Aqui dentro ainda é noite.
Quando o brilho vai embora
E cada hora é um açoite
A alma pela escuridão implora.

Não, não é sempre assim!
Alguma inadvertida flor eclode
Nesse maltratado jardim
Ou uma incontrolável raiva explode,
Veneno que desenha meu fim.

Há uma alegria ainda menina
Nessa carcaça já surrada...
É tímida, pálida, franzina
Quase não sorri, não dá gargalhada
É meio assim uma alegria sovina.

Brilha a lua no firmamento
E minha alegria aflora sorridente.
Estrelas surgem e nesse momento
É quando chora a estrela cadente
É quando sinto frio por dentro.

ESTAÇÕES

Depois de cair tuas folhas
De trocar tua pele
Segue com tuas escolhas
E que tudo se revele

Verás que nascem belas flores
Que a beleza se acentua
Depois de sanadas as dores
Você não anda – flutua.

CAP. 3

O ESPELHO DO MUNDO

¨MENTE TÃO FRIA E TRANQUILAMENTE QUE A GENTE VÊ A VERDADE ENVERGONHADA.¨

A VEZ DA ESTUPIDEZ

O estúpido não percebe
a própria estupidez.

Expõe-se à morte
dizendo lutar pela vida,
usando a liberdade de
expressão
pede a ditadura.

Quando está ruim,
diz que é melhor assim,
desde que acredita estar
certo
e que tem razão.

Quando os números falam,
tenta calá-los, esconder.

A justiça é cega,
mas tem duas direções:
se favorece, é louvada,
é exemplo, é amada;
se condena, é parcial,
seletiva,
é "do lado de lá".

É claro que o estúpido
sempre tem razão.

Se não tem,
ele compra, mata e arre-
benta,
corrompe,
deixa-se corromper,
mente,
mas apresenta a sua in-
versão
como versão.

Mente inconsequentemen-
te,
mas com convicção.
Mente tão fria
e tranquilamente
que a gente vê
a verdade envergonhada,
infelizmente.

Fica acanhada
e, de tão humilhada,
tenta se esconder.

ABRAÇO FRATERNO

Como não sentir a dor
de quem só tem a pele
como frágil abrigo?

Como não erguer a voz
por aqueles sem nome,
que plantam o pão
e ainda colhem a fome?

A miséria é prisão sem grades,
condição que subjuga,
que vende corpos,
que escraviza almas.

E quem nega o pão,
nega também a vida,
oferece o tronco e o chicote,
a mão que exige reverência
antes de ferir as costas.

Mas eu vos abraço,
porque em cada um de vocês
há também um pedaço de mim.
Somos um só corpo,
um só destino,
um só nós.

CAPATAZ MODERNO

Há quem carregue na vida
pesados e indesejados fardos.
Outros, feridas que não cicatrizam,
alguns, pontiagudos dardos.

Quem acredita em carma
carrega também o peso da fé:
arma poderosa, dominadora,
que mira o céu e acerta o pé.

Não basta suportar a si mesmo,
é preciso agradar aos demais,
mesmo que soberbos, imperfeitos.

Olham o espelho e veem satanás,
bem vestidos de gravatas e ternos.
— São os cruéis, modernos capatazes.

ESCRAVO POR OPÇÃO

O escravo
que defende o tronco
e o chicote
aprendeu a venerar
o próprio senhor.
Não conhece o próprio valor —
apenas o preço
da compra
e da venda.
Não retira os antolhos.
Não abandona a muleta.
Repete opiniões alheias
como eco cansado
de vozes que o dominam.
Pensa pouco.
Obedece muito.
Come migalhas
e agradece.
Carrega nas costas
as dores do mundo
em defesa daqueles
que o desprezam.
Busca salvadores,
mitos,chefes,
donos da verdade.
E enquanto ajoelha,
confunde submissão
com patriotismo.

Há muitos assim:
de terno,
gravata,
ou farda invisível.
Homens domesticados
pela própria necessidade
de obedecer.

CABEÇA ERGUIDA

Quando criança, prometeram-me um país liberto,
um país do futuro.
Muitos mentiram, erros se acumularam,
e ainda hoje pago com juros
o que comprei e nunca recebi.

Infância perdida, juventude pintando muros.
Dizem que não sirvo, que não presto,
porque não aceito servidão,
porque não aceito submissão.

Sou trabalhador discriminado pela cor,
pelo que penso, pelo que falo,
pela reserva subversiva
que insiste em protesto.

Resisto e não me curvo à escravidão.
Podem quebrar meu orgulho,
podem ferir minha coluna,
mas não baixo a guarda,
nem diante do guarda da prisão.

Minha cabeça altiva se apruma
a cada covarde investida
de dominação.

DEGRADAÇÃO

O poema
entalou na garganta.
Os olhos encheram-se
de realidade.
E o único grito ouvido
é o da fome
roncando dentro da insanidade.
Pensar deixou de ser prioridade.
Sobreviver
nunca pareceu tão improvável.
Ter o mínimo
nunca pareceu tanto.
A morte tornou-se rotina
no campo,
na cidade,
dentro das casas.
Amar ficou difícil.
Odiar, fácil.
Uma única palavra
já basta para matar.
A verdade pesa demais
sobre homens armados
de faca, fé e míssil.
Perdeu-se quase tudo.
Sobrou apenas
a degradação da humanidade.

OS MORTOS SÃO NOSSOS

Quando nos revoltamos
e perguntamos — até quando? —
já é tarde: a pergunta nasce
da apatia que nos condena.
A revolta é um eco lento,
um reflexo envergonhado:
só se ergue quando o mundo
já nos feriu por dentro — e ao lado.
Há uma culpa anterior
a todo gesto contido:
a de ver e nada romper,
a de saber — e ter consentido.
Indignar-se é pouco agora.
É preciso ferir a inércia,
rasgar o véu confortável
da moral que nos anestesia.
Porque há sangue no silêncio,
há cadáver sob a calma;
e toda paz que não confronta
já traz violência na alma.
Não lutamos — e nos absolvemos.
Não agimos — e nos perdoamos.
Mas choramos nos velórios
como atores que ensaiamos.
(Carpideiras sem paga.)
Os mortos não são "os outros".
Nunca foram. Nunca são.
São o preço adiado
da nossa própria omissão.

FARSA

Do alto do altar
Põe-se o Cristo a contemplar
Os muitos cristãos
Prostrados em oração

- Por que os joelhos dobram?
Pesa-lhes tanto a consciência
Que as pernas não podem suportar?

Ouvem-se os sinos dobrarem
Tangendo o povo para os templos
Como cordeiros... Tudo em vão!

A fé há muito mudou de lugar
Quem precisa os joelhos esfolar
Para mostrar-se aos outros
Em espetáculo dantesco de contrição?

ESMOLA

Por um socorro, um milagre
O homem ajoelha-se e ora.

Deus atende estendendo a mão
Sem marcar dia e hora.

Deus em inesperada ocasião
Oferece a oportunidade

Para o homem ajudar o irmão
Que tem maior necessidade.

Deus espera do homem o milagre
Que o homem pede com fervor em oração.

O homem transforma vinho em vinagre
Quando só sabe pedir. Doar, não!

CAP. 4

O PULSO DO DESEJO

¨DEIXA-ME FALAR COM MEU SILÊNCIO.
QUANDO A SAUDADE ROMPER A SOLIDÃO.¨

CHUVA DE VERÃO

Deixa-me dizer que te amo
Do meu simples modo de amar;
Quando peço, quando reclamo,
Sem uma palavra pronunciar.

Deixa-me falar com meu silêncio,
Com meus gestos pequenos de ser;
Quando a saudade rompe o silêncio
E a solidão me faz adoecer.

Talvez nunca tenhas me amado.
Talvez tudo tenha acabado
Antes mesmo do amor nascer.

Foste primavera em meu verão:
Chuva morna, breve, sobre a mão —
Sonho desfeito antes de viver.

ANTES QUE MORRAS

Faz amor sempre que possível,
E faz sentir e parecer incrível.
Observa tu a flor.
Ela sabe que vai morrer,
Mas enfeita e perfuma quem apodrece.
O final inevitavelmente virá —
Em que lugar tu vais estar?
Estarás alegre ou triste? Não importa!
Essa certeza existe.
Enquanto esse momento não chega,
Vive intensamente sem regras —
As regras que boicotam a liberdade
São as mesmas que causam a fatalidade.
Beija e abraça sempre que puder,
Até quem te fere e finge não te ver.
Esse pode ser o último abraço,
E a oportunidade de fazer um laço
De amizade, saudável convivência,
De fraternidade, de não violência.
Mas faz tudo com harmonia:
Quem é bom, cultiva alegria.

CÓPULA

Com a boca
e as mãos
me anuncio.
Antes de entrar
no teu templo,
solto o gemido
de um animal no cio.
Teu corpo se incendeia.
E eu, pavio.
Tudo então
é dança,
ritual,
movimento.
Respirar torna-se desvario.
Afogamo-nos
mergulhados no vento.
Até que, no fim,
tu és mar
e eu apenas rio.

COMO OS ANIMAIS

Nenhuma mulher no mundo
sentirá o amor
como agora o sinto.
Percebi-te além da companhia:
foste ansiedade, compulsão,
o compasso do meu coração
batendo dentro do verso.
Caí no teu regaço,
nos teus laços,
nos teus abraços.
Tu demoles minhas fortalezas,
derretes meus aços,
ocupas meus espaços
como quem lentamente me possui.
E eu amo o tremor do teu corpo,
quando o prazer te rouba a fala
e o silêncio diz por ti:
— obrigado, meu amor.
Depois, exaustos e desarmados,
descansamos do melhor cansaço
para recomeçar pelos cheiros,
pelos toques,
pelas leituras do corpo,
pelos instintos
como os animais.

AMOR DE FILHA

Os filhos crescem,
e com eles partem
nossas certezas.
Mudam rumos,
desfazem trilhos,
silenciam vozes.

O filho masculino
ganha o mundo,
abandona o ninho.
A filha, porém,
permanece,
vigia com amor profundo,
cuida em silêncio.

O cordão umbilical
não se rompe:
é corrente invisível,
ligada ao coração.

E quando a vida fere,
quando outros magoam,
a dor atravessa o corpo,
mas é nos pais
que ela se instala.

Assim é o amor de filha:
presença visceral,
proteção eterna.

DEPOIS DA RAIVA

Amo-te mais
quando me odeias.
Quando mostras a ira
sem disfarce,
quando o veneno sobe pelas veias
e duvidas até do próprio amor.
É nesse instante
que te tornas mais verdadeira.
O orgulho tenta esconder
o que ainda sentes,
mas o corpo sempre trai
a revolta da alma.
Depois da raiva,
vens lenta,
maliciosa,
sorrateira,
contorcendo-te
como serpente faminta
antes do bote.
E eu, já vencido
no corpo e na mente,
trem desgovernado,
cavalo sem freio,
sucumbo outra vez
ao teu ventre quente.

DESGASTE

A longa convivência
anuvia o amor
e normaliza a dor.
Mas o amor sedimenta.
Lateja oculto,
acomoda-se pela sobrevivência
e às vezes morre
para salvar a gente.
A paixão —
outrora vulcão em erupção,
lava ardendo sob a pele —
esfria.
Vira pedra.
E é justamente nela
que a vida amorosa tropeça
quando antigas feridas despertam,
cobrando preços impossíveis.
Nenhum casal é perfeito.
Alguns apenas escondem melhor
as próprias ruínas.
Todos carregam
pequenas ou grandes traições,
negam o vazio crescente no peito
e aprendem a sobreviver
de migalhas afetivas,
frias concessões
no leito.

GEOMETRIA DO BEIJO

Acordei cedo.
Sem heitar e sem medo,
Antes de beijar tua boca horizontal
Beijei teus lábios verticais
Com sabor de desejo e sal.

Essa geometria do amor
Com mais ação que teoria
Humaniza a todos igualmente,
Seja animal, seja gente
Que se derramam mutuamente.

Só preciso de você.
Tudo a mais sobraria.
A beleza que posso ver
Meu sol do meio dia.

Que mais posso querer
Se por você tudo apostaria?
O que poderia acontecer
Se essa aposta eu perderia?

Você é minha vida!
Meu coração em teu peito bate.
Se minha alma fica dolorida

É porque se há algo que te falte,
Gemo de dor à procura de guarida
Para esse amor que nos exalte.

FAMULUS

Qual é a tua amada família?
A que o DNA determinou para você?
A que te rodeia como o mar a uma ilha
A que você escolheu para viver?

Minha família é a humanidade
Quem está longe e perto de mim
Quem tem meu afeto, fraternidade
Tem meu carinho sem medida, sem fim

Minha família tem árvores, bichos, gente
Tem São Francisco, Buda, Jesus, Deus...
Tem o preto, o branco, o são, o doente.

Minha família é plural, incluindo ateus
Minha família não exclui, é includente.
Da família me despeço sem dizer adeus!

EU TE AMO

Por que dizer "te amo" é tão custoso?
Que peso trazem cinco simples letras?
Não deveria soar como um repouso,
Mas luz que rompe as sombras mais discretas.

Há tantas formas de expressar ternura:
Um abraço fraterno, um beijo leve,
Um gesto, um olhar de alma pura,
Um riso que disfarça o que comove.

Diz ao teu pai, à mãe, ao teu irmão,
Não só ao ser que amas com paixão;
Quantas amizades ficam sem louvor!

Deixa o machismo, a falsa fortaleza,
Pois já não restam fé, nem segurança;
Diz alto: "eu me amo, eu te amo, amor!".

ESTRANHA TABUADA

Se nós dois somos um
E metade de mim é você
Sendo que só, sou nada;
Tenho que reaprender
Essa estranha tabuada.

FILHO PRÓDIGO

Ao nascer, somos protegidos
Pelos braços fortes dos pais
Fortes como muro erigidos
Com suor, sangue, lágrimas e ais

Rompemos o muro pela liberdade
Que acreditávamos não possuir
Quando chegamos a certa idade
Incertos do que queremos conseguir

Eis que o vasto mundo lá fora
Com cercas e muros por todo lado
Nos expulsam, mandam ir embora.

Solitários e envergonhados
Quando a saudade nos devora
Voltamos para os muros abandonados.

CAP. 5

O SILÊNCIO DAS ORIGENS

¨SOMOS TERRA. SOMOS PÓ. SOMOS VENTO
QUE RETORNA AO SILÊNCIO DAS ORIGENS.¨

AO PÓ VOLTAREMOS

Quando o olhar em redor
vê sorrisos e alegrias,
descobre-se no instante
a eternidade que pulsa.

Pois mais cedo ou mais tarde,
somos terra, somos pó,
somos vento que retorna
ao silêncio das origens.

Agradeça a estadia:
a vida é breve chama
que ilumina o caminho
antes da noite calma.

Morrer não é castigo,
é apenas o regresso
ao seio do universo,
ao pó de onde viemos.

DIA DOS PAIS NO ALÉM

Já não é mais saudade.
E nunca será esquecimento.
Alguma coisa silenciosa
ocupou o lugar
da dor que habitava aqui dentro.
Ainda teimo em chorar.
Digo que é culpa do vento
quando volto a lembrar
dos nossos bons momentos.
Nos sonhos,
continuamos gargalhando.
A conversa ainda é boa,
como nos velhos tempos.
E o mais estranho é isto:
nos encontramos agora
com mais frequência
do que quando estavas aqui.
Você se foi
e ficamos mais próximos.
Esses olhos,
hoje cheios de saudade,
não te enxergavam assim.
Antes eu via teus defeitos
e esquecia tuas virtudes.
Agora, nesta distância imaterial,
vejo melhor
quem foste para mim.
Sigo minha caminhada,
mas andando em tua direção.
Cada dia,
cada ano,
vou me tornando
aquilo que você já foi.
Talvez essa seja
minha verdadeira herança.
Feliz dia dos pais, meu pai.
Hoje,
quase meu irmão.

COMEÇO DO FIM

Quando a noite chega devagar
e o dia parece distante,
quando o ninho perde o aconchego,
o amor já não passa de lembrança.

Os anos dobram os ombros,
encurtam o alcance dos olhos.
No passado restam escombros
e portas fechadas por dentro.

Então se aproxima, inevitável,
esmagando oeste, leste, sul e norte,
o mesmo destino do rei: a morte.

Marcha ereta, impiedosa, silenciosa,
e ceifa cada homem
com sua lâmina invisível.

DEUS E EU

Na solidão de um quarto qualquer,
somente as paredes
me escutavam.
E meus pensamentos perguntavam
se minha fé
ainda existia.
Não tenho religião.
Por isso, muitos me condenam,
como se eu tivesse escolhido
o caminho definitivo do pecado.
Mas, se Deus está em toda parte,
também habita
meu coração.
E somente Ele
pode me julgar.
Se algum perdão
precisar ser pedido,
que os religiosos me perdoem:
eu o pedirei a Deus.
A vocês, não.

CONSCIÊNCIA DO TEMPO

O fardo mais pesado
é o tempo.
Seu saco permanece aberto,
faminto.
Nele cabem
raiva, culpa, sofrimento,
palavras não ditas
e silêncios que ainda cortam.
Mas é o passado
quem ocupa mais espaço:
o arrependimento da vida não vivida,
o amor escondido,
os sonhos abandonados,
a culpa pelas dores carregadas.
E cabem também as saudades:
o beijo roubado e consentido,
a infância ainda limpa de maldade,
os pequenos gestos esquecidos.
No saco do tempo
cabem virtudes e defeitos,
o sorriso depois do choro
e a ironia maior de todas:
a consciência
de que jamais fomos perfeitos.

EPÍLOGO

De tanto aos outros me doar —
noites perdidas,
preocupações,
dias infindos
derramados em suor,
lágrimas
e lições —
fui lentamente
me consumindo.
Sumindo.
Esquivando-me das tentações,
fugindo da pobreza
como quem foge
de um animal faminto.
Hoje restam
pequenas porções:
alguma mágoa,
algum ressentimento
por não ter cuidado melhor
de mim mesmo.
Não do corpo.
Esse, cedo ou tarde,
servirá de alimento
aos vermes
e aos abutres colossais.
E chegará o instante exato
em que meu nome
silenciará completamente.
Como o de todos nós.

ISTMO DE TEMPO

A última hora morreu,
pariu um segundo,
um istmo de tempo.
Todo encontro é saudade
após a despedida,
um breve até mais.
Toda dor sentida,
embalada em choro,
se dissolve num sorriso.
Só a fome se vai,
prometendo voltar
depois do pão.
Mas o amor... ah, o amor!
Não se despede como a luz.
Mesmo ferindo, se multiplica.

O EVANGELHO DO ALFORGE VAZIO

Deixo a saudade em vós —
sinal do que foi vivido;
levo comigo a lembrança
feito fogo adormecido.

Minha carga é quase nada,
meu alforge vai vazio;
quem se enche de ódio e mágoa
não atravessa o seu rio.

Vi muito forte tombar
sob o peso que guardou;
quem cultiva treva no peito
colhe a dor que semeou.

Há uma mão que me guia
mesmo quando não se vê;
saí da casa de Deus —
hoje Deus mora em meu ser.

Não O busco em casa rica,
nem em altar levantado;
Deus não cabe em parede,
nem se vende em mercado.

Não negocio perdão,
nem compro graça ou favor;
toda fé que tem preço
é comércio com a dor.

O que faço ao semelhante
volta inteiro para mim;
dou sem conta nem medida,
sem fazer do ganho um fim.

Quem caminha mais leve
chega mais perto do céu;
larga o peso do mundo,
rasga o medo como véu.

PÓSFÁCIO

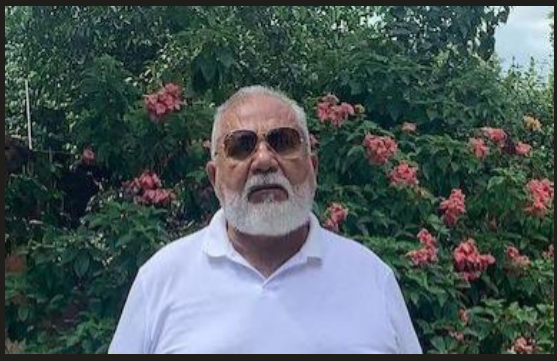
Ao chegar ao fim destas páginas, o leitor atravessou a **"arquitetura do paradoxo"** que nos sustenta. Partimos do ofício solitário de lapidar a **"pedra bruta"** na esperança de encontrar o diamante e mergulhamos nos labirintos de uma alma que se reconhece feita de contradições: um ser que grita em silêncio e sorri enquanto pranteia.

Este livro foi um convite para olhar o **avesso**, o lugar onde a **"verdade envergonhada"** se refugia da estupidez convicta que governa as versões superficiais do mundo. Enfrentamos os capatazes modernos, sentimos o pulso animal do desejo e, por fim, aceitamos o convite da finitude, compreendendo que somos apenas vento retornando ao **"silêncio das origens"**.

Contudo, a conclusão desta obra não reside na morte ou no vazio, mas na aceitação da totalidade. Como revela o poema que encerra este ciclo, o ser humano é como o **Baobá**. Somos feitos de múltiplas naturezas: somos a árvore que dá frutos e é explorada, somos a que se arma de espinhos para se proteger e somos as gigantes que oferecem abrigo mesmo sob a ameaça do corte.

Neste **"avesso da versão"**, descobrimos que não precisamos escolher ser apenas uma coisa. Não somos apenas o cacto ou a gramínea; somos a soma de todas as nossas sombras, luzes, vitórias e derrotas. A poesia, agindo como aquela **"breve chama"** que ilumina o caminho, nos permite olhar para dentro e declarar, com a coragem de quem já não teme o chão nem o céu: **"Sou inteiro uma floresta"**.

Que o silêncio que agora se segue não seja ausência, mas a semente de novas dimensões.



Carlos Ociran é Doutor em Ciência e Engenharia de Materiais – UFSCar; Mestre em Matemática Profissional – UNICAMP; Professor de matemática, titular da Uemasul e aposentado pelo IFMA – Imperatriz. Membro da Academia Imperatrizense de Letras – AIL, ocupando a cadeira 36.

Fonte: Comic Neue e Lugrasimo
Papel: Offset 90
Gráfica: K DE F C FREITAS LTDA



PROPGI
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da UEMASUL
EDITORA UEMASUL
10 anos UEMASUL